

Voz

As cortinas - que um dia devem ter sido de um branco alvo, mas que agora ofereciam um mero tom amarelado, adequando-se com uma perfeição desastrosa à podridão do lugar - tremulavam esporadicamente, graças ao sopro do vento noturno que adentrava a janela semiaberta. Um frio atípico fazia-me enrolar os lençóis surrados aos pés. Meu desejo era caminhar até o vidro para finalmente fechá-lo, porém, já não tinha forças o suficiente para levantar-me, não desde que cheguei aqui. Optei somente por deitar-me de modo a encarar a abertura quadrangular na parede, observando de relance a rua escura, solitária e quase depressiva logo abaixo durante os poucos instantes em que o pano porcamente preso levantava-se.

Por vezes, acreditei que a vela repousada na escrivaninha ia ceder e apagar-se, relegando-me a uma escuridão indesejada. Não chegou a acontecer. Com um cuidado quase estúpido, estiquei o braço até que alcançasse a gaveta e tirei dali um caderninho de couro e um lápis que há tempos não era apontado. “Tudo bem”, suspirei, já não fazia diferença. O grafite borrava algumas das páginas mais antigas, transformando as silhuetas ali desenhadas em apenas sombras, como deveriam ser. Olhando ao redor, a percepção de que já havia esboçado todo e qualquer canto do quarto fétido invadiu-me. As páginas estavam cobertas pelas paredes azuladas já descascadas, pelo armário de madeira escura com os finos traços cortantes que o preenchiam, pelo móvel decrépito que pendia ao meu lado e até mesmo pela pequena cama na qual me encolhia.

Assim, voltei a encarar a janela e comecei um traço forte na folha tingida por um bege claro. Meus olhos pesavam, mas a ideia de dormir parecia-me quase engraçada, absurda... Não me recordo da última noite de sono que tive, essa lembrança perdeu-se em meio aos cochilos rápidos das tardes de domingo, se é que ainda conto os dias corretamente. O silêncio que se apossava do ambiente era ensurdecedor, embora aconchegante (se isso faz sentido algum), entrecortado somente pelo tiquetaquear constante do relógio pendurado acima de mim. Alternando entre a visão da janela e o caderno, pus-me a dar forma às linhas que há poucos minutos pareciam completamente aleatórias.

De súbito, em uma das vezes em que levantava a cabeça para observar se a cortina já estava abrindo-se novamente, deparei-me com um corpo negro, os contornos apagados pela fina névoa que se formava naquele início de madrugada. Segurei o lápis com força, a respiração pesada e acelerada. Encarava a criatura a minha frente como se minha vida dependesse daquilo, e os olhos amarelos escuros me encararam de volta. Um gato. Pensei em chamá-lo, mas não quis assustá-lo. Ao invés disso, inseri o corpo esguio ao rascunho que tomava vida no papel. Acelerei o processo, pois não podia perder essa oportunidade e deixar que meu novo modelo escapasse pelas sombras e nunca mais retornasse. Enquanto fazia o trabalho, esforçava-me inutilmente para guardar aquela imagem em minha mente, salvá-la na memória. Mas eu já sabia que a única forma de fazê-lo seria eternizando-a, ao menos por alguns meses, naquele meu diário.

O felino, para o meu prazer, movia-se apenas suavemente, o peito subindo e descendo para que enchesse os pulmões, o diafragma meramente se esforçando. Os bigodes alongados davam-lhe um ar aristocrático, mas um pedaço - tão pequeno que seria imperceptível para alguém que não o analisasse demoradamente - que lhe faltava na orelha esquerda forçava uma aura de abandono. Soltei o lápis, que caiu entre duas páginas, o som seco ecoando pelo recinto. Parei por algum tempo, não sei direito se foram poucos segundos ou muitos minutos. Momentaneamente, eu me vi naquele gato. Achei que estivesse enlouquecendo, mas encontrei-me com uma empatia antiquada pelo pequeno ser que ali se encaixava de maneira desconcertada graças ao tamanho limitado que teimava em ocupar, e tive a certeza de que o destino havia o levado até a minha janela. Também não sei ao certo se o sentimento que inundou meu peito era de alívio ou de pavor, tudo já se misturava e nada fazia sentido, mas não era minha culpa, não podia ser. E, claro, não era culpa do quadrúpede que agora se espreguiçava sem se importar se podia cair dali. “Talvez ainda tenha suas sete vidas”, uma voz no fundo da minha mente quebrou o silêncio que padecia perante o cenário melancólico.

“Talvez”, concordei.

Perguntei-me se essa fantasia tola não seria apenas resultado de um longo período sem ver a minha própria imagem, sem me reconhecer nos reflexos que o vidro acinzentado proporcionava-me. Não havia espelhos no quarto. Felizmente, não havia espelhos no quarto.

“Mas é claro que está enlouquecendo”, a voz parecia mais alta, mais firme. “Olhe novamente para a janela. Olhe nos olhos do bicho que está a encarar-te e diga se não está perdendo o juízo.”

Minha respiração parou. Não queria levantar a cabeça, não queria encarar o que estava bem ali, me observando atentamente. Agora, tinha certeza que o sentimento que me afligia era pavor. “É só um gato”, repeti não sei quantas vezes, forçando-me a acreditar naquilo. “É apenas um gato, estava desenhando-o há segundos. Não há razão alguma para que me assuste”. E talvez não houvesse, realmente, mas quando me atrevi a olhar meu próprio esboço, algo anômalo estampava a página em questão. Algo que não lembrava de colocar ali, algo que eu nunca sequer desenhara. O felino não estava deitado na janela, com a cabeça torta para a direita e as patas da frente entrecruzadas, descansando, como estava inicialmente. A figura estava sentada, os olhos profundos mesmo que formados somente pelo grafite desgastado. As batidas do meu coração entraram em harmonia com o relógio na parede.

“Vamos, olhe para a janela”, a voz tentava convencer-me.

Tentei, sem sucesso, me acalmar. Belisquei-me. Nada. Ainda me recusando a olhar para a abertura onde a silhueta mantinha-se, abri novamente a gaveta. O remédio não estava mais ali, como deveria estar. Como sempre esteve. No fundo, eu sabia que não resolveria, de qualquer maneira. Eu não estava alucinando. Pensei em ignorar tudo o que estava acontecendo, sair pela porta, correr até a rua e talvez nunca mais voltar, como queria há muitos meses ou anos - o tempo já não era um conceito concreto, nunca foi.

“Sabe que não há como fazê-lo. Apenas olhe para a janela e acabe logo com essa angústia patética”, já dizia impaciente.

Cedi. Não tinha forças para negar, não podia lutar contra o que quer que fosse aquilo. Então, apenas aceitei a ordem como uma criança que sabe que será punida se não obedecer aos pais. Ao levantar os olhos, vi o gato sentado. Isso não me surpreendeu tanto quanto achei que surpreenderia. Ele apenas mudou de lugar enquanto eu fazia o desenho e não reparei, continuei desenhando e segui seus movimentos com o lápis. Essa era a única explicação plausível e estava convencendo-me de que essa era a verdade, tinha de ser. Até que a mesma voz, agora irritada, bradou em meus ouvidos, alta, imponente:

“Olhe direito! Repare bem! Encare a criatura, veja-lhe os olhos! Os olhos!”.

O que antes era amarelo, de alguma forma, esvaiu-se. Uma tonalidade sanguínea de vermelho o substituiu. Nesse momento, senti o vento mais forte, rasgando pela madrugada, e um estrondo ressoou na escuridão celeste. Minha cabeça girava. Os olhos eram escarlates, profundos, e encaravam-me como se pudessem ver a minha alma. Talvez pudessem.

Um grito.

Assustei-me mais do que um dia pensei que fosse humanamente possível. O demônio-gato pulou, não processei se foi em mim ou se foi para fora da janela. Meus próprios olhos fecharam-se, as pálpebras trancadas como um cofre sem chaves. Não queria abri-las, mas sussurros aterradores iniciaram-se e não cessariam até que as abrisse. A voz reverberava nos cantos da minha mente e tornava-se incapacitante, insuportável.

Abri os olhos.

Não havia mais gato. Nem de olhos amarelos, nem de olhos ensanguentados. Meu caderno já não estava mais em cima do colchão duro, tampouco o lápis velho. Meu corpo todo tremeu. Hoje, tenho a certeza de que a voz em minha cabeça desejava matar-me, e posso jurar que não era eu. Aquela voz nunca foi minha.

Levei a mão novamente à gaveta. Puxei. Lápis, caderno e remédios. Tudo estava ali perfeitamente organizado, como se nada tivesse acontecido, como se alguém tivesse apagado as provas de um crime que nunca cometeu. Mas eu ainda estava do lado errado da cama, encarando a janela, agora vazia. A cortina ainda tremulava, amarelada, deixando a rua aparecer de soslaio. Levantei-me levemente, sem sequer sair do colchão, para que observasse melhor o que estava lá embaixo. Numa das sombras próximas à esquina, ao lado de uma placa onde lia-se “PARE” em letras garrafais, afogado pelas gotas grossas da chuva, estava um gato de pelagem negra, a orelha faltando um minúsculo pedaço. A cor de seus olhos ainda é um mistério. Ele se aproximou, subiu na janela.

Só sei que, naquela noite, vivi tudo isso de novo e de novo. Tudo para que, no fim, quando o relógio marcasse exatas quatro horas e quarenta e sete minutos, enquanto a languidez da madrugada abandonava-me, acordasse mais uma vez no mesmo hospício de sempre.

A voz sempre esteve certa.

- *Katwrina* (0039414).